

O EFEITO TERAPÊUTICO DOS CONTOS PARA O PSIQUISMO¹

Fernanda Kunkel², Flávia Flach³.

¹ Levantamento Bibliográfico acerca do tema trabalhado no Estágio Básico e Estágio Supervisionado em Psicologia e Processos Sociais

² Aluna do curso de Psicologia da UNIJUI - Campus Santa Rosa

³ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, Curso de Psicologia, UNIJUI - Campus Santa Rosa

Nos dias de hoje, a prática de contar histórias ainda se encontra muito presente em nossa sociedade, principalmente entre as crianças. O tempo pode passar, mas os contos ainda continuam presentes e fascina gerações, desde crianças, até adultos e idosos. Segundo GUTFRIEND (2010, p.27), “quanto aos contos tradicionais, os autores concordam pelo menos em um ponto: parecem ter ocupado desde sempre um lugar importante nas sociedades, ao menos desde a pré-história”. Mesmo com toda tecnologia existente atualmente, muitos contos infantis que hoje são contados, surgiram na antiguidade, onde foram criados não para as crianças, e sim para falar de questões e problemáticas presentes na época.

“Os contos, em sua essência, não eram destinados ao universo das crianças, uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos. Souza (2005) faz menção aos contos, descrevendo-os como histórias que narravam o destino dos homens, suas dificuldades, seus sentimentos, suas inter-relações e suas crenças no sobrenatural. Eram relatados por narradores profissionais, os quais herdavam essa função dos antepassados, ou como uma simples tradição transmitida de pessoa para pessoa. Geralmente, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam (Radino, 2001, 2003). (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p.1)”

Partindo desses fatos, vários autores dedicaram-se ao estudo da utilização dos contos, principalmente os infantis, na área da psicologia. Eles procuraram entender, o porquê desses contos tradicionais perdurarem por séculos até os dias de hoje, em várias culturas e países, e chegaram à conclusão de que não só os contos tradicionais, mas também muitos contos modernos evocam nos sujeitos conteúdos psíquicos, sentimentos e conflitos vividos pelo sujeito.

Segundo GUTFRIEND (2010), os contos evocam na criança conteúdos ocultos, inconscientes, que a partir de sua identificação com os personagens, podem trazer à tona conflitos internos, fatos já vividos pela criança, como angústias, medos e tensões. Os contos além de evocarem esses conflitos, ao mesmo tempo podem ajudar às crianças a enfrentar e elaborar seus dramas pessoais (abandono, separação, morte de um ente, ruptura prolongada do vínculo com os pais), por apresentarem resoluções para os conflitos ou problemas apresentados, ou ajudam também, quando a criança consegue verbalizar sobre seus sentimentos. Enfrentando-os ela passa a administrá-los melhor, e simboliza essas angústias e isso produz um efeito terapêutico.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

“Entre as ideias principais de Betelheim reside a afirmação de que os contos oferecem um sentido a situações que as crianças têm ou tiveram ocasião de viver, o que já contém por si um aspecto terapêutico. Os contos tradicionais ajudam na medida em que trazem fatos que a própria criança vive em seu inconsciente e com os quais pode se identificar, como com as personagens, tendendo ao amadurecimento. Seu valor viria também de que auxiliam a transformar em fantasias representáveis o conteúdo do inconsciente, abrindo dimensões imaginárias. Esses benefícios estimulam as representações conscientes, diminuindo a nocividade das pulsões e do conteúdo inconsciente”. (GUTFRIEND, 2010, p. 31).

Eles ajudam as crianças não só a elaborar suas angústias causadas pelos sofrimentos vividos, mas também a desenvolver sua imaginação, criatividade e ludicidade. Como nos afirma CORSO (p.27) “os contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador”, fazendo assim que a criança sinta prazer em ouvir histórias. Um exemplo que pode ser apresentado é o conto do “Patinho Feio” de Andersen, onde este pode evocar conteúdos inconscientes que lidam com a questão do abandono dos pais, da rejeição, da adoção.

“Poucas histórias infantis foram capazes de uma empatia tão forte e duradoura com o público, certamente devido ao mérito de traduzir a angústia da criança pequena (...) a trama sintetiza duas fantasias assustadoras: uma dos pais, o medo de ter o filho trocado por outro e outra dos filhos, a de se descobrirem adotivos. (CORSO, 2006, p.33”)

Há também outro medo inconsciente que pode ser evocado que é “o sentimento de rejeição que nos identifica ao patinho, abandonado e órfão desde o ovo.” (CORSO, 2006, p. 34).

O filme Dumbo criação da “Walt Disney” também evoca esse tipo de drama inconsciente nas crianças. “O patinho feio e rejeitado transformou-se num bebê-elefante que nasceu com gigantescas orelhas de abano.” Porém, “mesmo contando inicialmente com o amor da sua mãe, o drama de Dumbo também é de separação”(CORSO, 2006, p. 35). Dumbo não é abandonado como o Patinho Feio, mas é separado de sua mãe, pela morte da mesma.

“Quando Andersen escreveu O Patinho Feio, justamente se estava operando a valorização da infância que culminou nos dias de hoje. Por alguma razão, porém, essa história não sucumbiu. Os adultos a seguem contando, as crianças continuam escolhendo-a como algo digno de ser repetido a cada noite. Pelo jeito, ela não é apenas uma relíquia, ela fala de coisas que ainda são ativas no nosso inconsciente. Pensamos que, nesses casos, pouco importa o sexo do personagem, embora tanto o patinho quanto o elefante sejam masculinos, a condição universal e precoce de suas representações não oferece barreiras à identificação das meninas” (CORSO, 2006, p. 36).

Para o autor LAFFORGUE (1998), citado por GUTFRIEND (2010, p. 37), os contos também tem a “capacidade de oferecer uma “família imaginária” para as crianças”. Para GUTFRIEND (2010, p. 109), a atividade de contar histórias ajuda a criança a representar a mãe ou os pais ausentes, assim como a separação e outros conflitos e retomando Winnicott, diz que o “clima transicional” que o conto oferece e o setting agiriam como um intermediário, permitindo à criança desenvolver sua capacidade de criar e simbolizar, com isso aumentaria o seu espaço potencial.

O autor nos fala também que além de oferecer um espaço potencial (Winnicott), o conto também tem a capacidade de oferecer a criança um espaço lúdico, conceito criado pelo psicanalista Pavlovsky (1980), que é um “espaço onde a partir de combinações de imagens, de jogos, de ilusões,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

a criança poderá jogar, inventar, imaginar, criar, olhar de outra forma o concreto, guardando-o como um local, interno, onde poderá sempre se refugiar nos momentos mais difíceis de sua vida”. (p. 42)

“Seria, então, simplesmente por se divertir ou por experimentar o prazer (como quando brinca) que a criança desenvolveria a sua capacidade mental, criando espaços psíquicos (potencial, de acordo com Winnicott, 1951 e 1971, lúdico de acordo com Pavlovsky, 1980), bases de sua vida imaginária, de sua criatividade e de sua capacidade de resistir às situações traumáticas da vida sem romper o equilíbrio de sua sanidade mental e portanto sem recorrer a doença.” (GUTRIEND, 2010, p. 147).

O autor BETELHEIM (2012, 20-26), fala em sua obra, que cada história que é contada possui diferentes significados e evoca conteúdos diversos em cada pessoa, pois tudo depende do momento em que ela é contada, para quem ela será contada e os conflitos que o sujeito está vivenciando no momento.

Um conto, como o do Patinho Feio, por exemplo, pode evocar efeitos em uma criança de 13 anos, mas quando contada a uma criança de 5 anos, pode não provocar efeito algum, pois o significado pessoal que cada um pode tirar da história, pode ser bem diferente.

“O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida. o conteúdo do conto escolhido normalmente não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e portanto insolúveis.” (BETELHEIM, 2012, p.36)

Afirma também, que os contos possuem um grande significado para crianças de todas as idades, tanto meninos quanto meninas, não importando sua idade e muito menos o sexo dos personagens. Meninos podem fascinar-se ou mesmo despertar-lhes alguma questão inconsciente, frente a contos que falem de fadas, princesas, personagens como Branca de Neve, Cinderela; e o mesmo pode ocorrer com as meninas, frente a contos que contenham dragões, super-heróis, caçadores.

Para o autor, os contos clássicos perpassaram gerações, justamente por evocarem desde os primórdios essas questões inconscientes, e mesmo gerando alguma angústia nas crianças, elas não se cansam de ouvi-las, pedindo para serem contadas mais vezes, justamente pelo fascínio que contém nessas histórias. O conto parece ter um aspecto universal, e não impede a escolha do conto, por conter figuras masculinas ou femininas.

Justamente pelo contrário, as crianças se identificam com os personagens da história, e veem neles, mesmo que inconscientemente o reflexo de seus pais ou fatos vividos, e é por isso que, os contos, causam-lhe angustias e medos, ou suscitam sentimentos hostis que possuem frente a seus pais, como o ódio e a tristeza, por terem sido abandonas ou rejeitados.

“Os contos populares são também um reservatório de medos. Neles estão contidos os principais, como o medo de ser abandonado, o de estar só, o de morrer, o de matar, o de ser preterido a um irmão e, enfim, o medo maior, o que é de não ser amado” (GUTFRIEND, 2010, p. 153).

A partir da leitura e das ideias apresentadas pelos autores que estudaram a terapêutica a partir dos contos, percebe-se que o seu uso, como uma ferramenta mediadora, foi estudada e utilizada principalmente para crianças. Mas os autores, em suas obras, analisam também o uso e o benefício de contos para todos os sujeitos, desde crianças até idosos. Também vemos, que essa forma de

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

terapia foi utilizada principalmente de forma clínica, mas podemos pensá-la e adaptá-la, em outras áreas da psicologia, como a área social, onde os contos podem ser utilizados para trabalhar, evocar e elaborar processos sociais como a exclusão, preconceito, vulnerabilidade, conflitos (separação, abandono) que são apresentadas por determinados grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 27ª reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2012. 437 p.

CORSO, Mário e Diana Lichtenstein. Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis. 1ª ed. São Paulo: Artmed Editora S.A.,2006. 326 p.

GUTFREIND, Celso. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. 1ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda, 2010. 237 p.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte. v. 15, n.2, 2009. p. 132-148. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2015.